

Ambiguidades e contradições na prática de cuidar e vigiar das agentes penitenciárias

Bolsista: Bibiana Altenbernd

Orientadora: Mariana de Medeiros e Albuquerque Barcinski

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Faculdade de Psicologia – Av. Ipiranga, 6681 – Partenon – Porto Alegre/ RS – CEP: 90619-900

Resumo

O trabalho consiste em um estudo de caso que tem como objetivo verificar de que forma o discurso de uma agente penitenciária que trabalha com mulheres encarceradas reflete a contradição inerente à instituição prisão, a saber, sua dupla missão de punir e ressocializar criminosos. No centro de tal investigação estão questões de gênero que permeiam as experiências dessas profissionais, especialmente na realidade específica de cuidar e vigiar outras mulheres.

Os dados coletados foram analisados através da Análise Crítica do Discurso, que busca compreender a forma como se dá a relação entre discurso e poder (Van Dijk, 2008). Objetivamos entender as práticas discursivas como modos de ação historicamente situados, ao entendermos que o discurso é moldado pela estrutura social e vice-versa (Resende & Ramalho, 2006).

A entrevista foi realizada em uma penitenciária feminina do Rio Grande do Sul e contou com um protocolo de perguntas que versaram sobre a trajetória pessoal e profissional da agente, focando especificamente nos dilemas vivenciados em sua prática. A escolha do caso se deve por acreditarmos que o conteúdo da entrevista reflete, de formas diversas, os dilemas e os conflitos teorizados acerca de suas atribuições profissionais.

Sobre as funções desta profissão, os agentes executam serviços de vigilância e custódia, aplicam medidas restritivas de direitos e de privação de liberdade, bem como atuam (ou devem atuar) na execução de programas e ações de apoio ao tratamento penal para socialização dos detentos. Neste sentido, as atribuições prescritas, assim como a fundamentação teórica pesquisada, reforçam a confusão do papel do agente penitenciário, que provavelmente reflete a própria falta de clareza acerca da dupla função – punitiva e ressocializadora – da instituição penitenciária. Os dados analisados corroboram esta compreensão, ao destacar o fato de as agentes serem mulheres punindo, controlando, vigiando e educando outras mulheres, o que dota esta relação de um caráter peculiar, e ilustram bem o conflito e o dilema vivenciados em seu cotidiano.

Além disso, sabemos que as agentes que lidam diretamente com mulheres presas não são usualmente capacitadas para enfrentarem as complexidades da empreitada, especialmente no que se refere ao entendimento do processo singular de constituição da subjetividade feminina. Portanto, o trabalho aqui apresentado nos aponta para a necessidade de propormos ações e iniciativas de capacitação e sensibilização das instituições e dos profissionais do sistema prisional em contato direto com mulheres encarceradas.

Palavras-chave: gênero; prisão; agente penitenciária.